**IMORTAIS DA ACADEMIA**

**EPISÓDIO 7 – LETRAS E IMAGENS EM MOVIMENTO**

**01:00:17:20**

**ABERTURA**

**01:00:22:19**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,

Arte e ciência, pensamento e memória,

Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.

A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.

Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,

Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:02:15**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:28:07**

Meu primeiro filme é o Rio – 40 Graus, roteiro original meu, histórias de um domingo no Rio de Janeiro. Todas as áreas sociais, etc. De onde vem esse? Jorge Amado, um dos autores que mais, desde o Jubiabá, Capitães de Areia, são muitos personagens, muitas estórias que cruzam o espaço da outra e etc., e continua a estória. Então isso aí, principalmente a literatura que foi a coisa mais importante para fazer esse filme.

**01:02:13:12**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 07: Letras e imagens em movimento**

**01:02:20:16**

**NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Atual ocupante da cadeira 07**

O colégio do estado era exigente, o colégio mais assim, credenciado para a formação. E por incrível que pareça, era colégio gratuito, do estado. Para entrar no colégio do estado tinha que ter uma boa preparação. Mas foi à partir daí, realmente, que o conhecimento da literatura, da literatura brasileira principalmente, ela ficou como, ficou dentro. Tem que estudar bem os autores brasileiros, escrever sobre eles, responder obra por obra e etc. Eu tenho uma formação nesse sentido. Porque que eu fui fazer cinema? Porque eu conhecia a literatura. Na realidade o caminho mais, da juventude e tal, foi o caminho de conhecer literatura. Estudar, ler, etc, etc. E daí, tranquilamente a ideia - ‘Ah! vou fazer um filme. Vou passar desse livro para o cinema.’ O roteiro não era uma linguagem escrita, era uma intermediação entre o que eu estou pensando e o filme. Eu faço roteiro que é muito mais divertido. Eu tenho alguns roteiros ainda inéditos, não filmados. É a forma de escrever. Registrar uma ideia, de uma estória, de lucidez, de uma adaptação. Na literatura não há limitação de tempo. Há livros muito bons com 50 páginas e outros ótimos, maravilhosos com 500. Quer dizer, não existe essa coisa, enquanto que no cinema não. No cinema existe a limitação de tempo. Tem que se fazer filme para o comércio, normal, comum, do dia a dia, de no máximo duas horas. Essa é a primeira diferença. Mas a questão fundamental permanece a mesma tanto para o cinema quanto para a literatura, que é a síntese, e a escolha de tema, do assunto, dos personagens. Não é isso? O cinema é muito mais violenta a escolha, a exigência, muito mais forte. E a conclusão é a seguinte que no cinema é a linguagem concreta, dura. O que muita gente acha que por isso chama linguagem burra, não tem conversa, aquilo tem que ser contado de uma forma concreta, com grande público, público que não se sabe qual é a ainda. Aquele que sabe ler e escrever, é fantástico. O escritor já sabe com quem ele está lidando. O cinema não. O cinema é desconhecido. O público, você tem que lembrar que é um público que tem que entender através da imagem e do som naquele momento, naquela hora que ele está lá assistindo.

**NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Posse em 2006**

**01:06:03:26**

**HERNANI HEFFNER – Professor e pesquisador em cinema**

Nelson pertence a uma geração, vamos chamar de intelectuais e artistas que, que digamos assim, parte de um solo comum. Que solo comum é esse? A cultura brasileira até a 2ª guerra mundial, ela é basicamente uma cultura literária. Não que você não tenha pintura, não que você não tenha música, não que você não tenha outras expressões culturais e artísticas. Mas a principal, aquela que tem um caráter formador, é a literatura, que o mais próximo do Nelson chega é o romance regionalista de 30, que talvez seja a grande influência inicial sobre sua carreira. Graciliano, Jorge Amado, José Lins do rego, e etc. E você tem nesse solo comum uma referência incontestável para a geração dele. Então você se formar como, digamos assim um cidadão, você se formar como uma pessoa engajada na transformação do seu país, você se formar como um artista, é você ir de encontro a essas fontes. Então ao mesmo tempo que o Nelson permanece fiel, por exemplo, a certas fontes literárias, principalmente Graciliano Ramos. Ao mesmo tempo que o Nelson tem, digamos assim, uma composição cinematográfica mais clássica, expressa sobretudo num filme como Vidas Secas, ele surge sempre como aquele sujeito, aquele artista que está sempre pensando, criticando, refletindo, e experimentando. Nelson surpreende o tempo todo, e frente a uma geração extremamente engajada do ponto de vista estético, como era a geração do Cinema Novo, composta pelo Glauber Rocha, Paulo Cesar Sarraceni, Ruy Guerra, Cacá Diegues e muitos outros, então ele passa a ter uma influência decisiva sobre esses jovens, passa inclusive a definir ali um certo compromisso com a realidade brasileira, que eu acho que é a grande questão que une o Nelson e as gerações que o seguem, e sobretudo se torna a uma certa altura uma espécie de instância crítica dessa geração. Então o Nelson vai se tornar um artista sui generis, porque ele vai atravessar gerações, e vai sobretudo sempre, sempre, sempre, alargar a ideia, o conceito de realidade brasileira. O quê que constitui o Brasil? Ah, é o sertão e a favela. Não só esses dois locus, esses dois espaços típicos do Cinema Novo são visitados pelo Nelson, pelo sobretudo, sertão e favela são inaugurados pelo Nelson e continua sempre dizendo: ‘Olha como isto daqui é cada vez mais amplo, cada vez mais complexo, cada vez mais Brasil.’

**01:08:39:14**

**NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Atual ocupante da cadeira 07**

Eu fui cooptado pelo Cinema Novo. Eles me fizeram essa gentileza. Mas eu fui muito tempo antes. Cinco filmes antes já existia o Cinema Novo. Interessante é que o Cinema Novo, o meu projeto de cinema, vai para o mesmo caminho: busca da realidade brasileira.

**01:09:03:16**

**OFF**

A cadeira sete reune dois nomes que,

Cada qual com seu artifício e a seu tempo,

Foram mestres em representar um Brasil

Que muitos resistiam em enxergar.

Nelson Pereira dos santos em seu cinema novo

E Euclides da Cunha em seu “Os Sertões”.

01:09:26:26

**LOURIVAL HOLANDA – Membro da Academia Pernambucana de Letras**

“Os sertões” é um livro seminal para essa compreensão do Brasil contemporâneo. Porque que nós tínhamos dois brasis? Um Brasil que ignorava o Brasil? Euclides é a primeira pessoa a fazer uma tentativa de unidade, uma aquarela nacional, uma tentativa de unir o país numa imagem só. Então é fundamental, porque é primeira vez que o sertão aparece como identidade nacional. Então é fundamental pensar “Os sertões” como um livro com essa visão de conjunto do Brasil.

**01:09:54:13**

**CARLOS NEWTON JUNIOR – Professor e escritor**

Euclides, ele foi o primeiro escritor a mostrar que existia no Brasil, miséria. Então o livro é de uma grandiosidade assim, o livro realmente, literariamente, ele comete equívocos históricos, alguns equívocos históricos de interpretação antropológica, sociológica, a questão das raças e coisas dessa natureza, que é questões típicas de sua época. Mas a grandeza literária do livro, faz com que o livro até hoje se torne, até hoje permaneça um livro como uma grande epopeia do Brasil. E inevitavelmente ele vai influenciar todos os escritores que vão falar do nordeste brasileiro. E é por isso também que ele é considerado o primeiro grande livro da nossa literatura moderna. Veja, ele não é nem um livro de ficção, ele se enquadraria mais no campo do ensaio. Não é um livro de ficção. E não deixa de ter ficção ali, porque ele acaba pegando os personagens, os jagunços, alguns dos jagunços, e dando a eles uma feição de heróis épicos. O Pajeú, por exemplo, que é um jagunço que anda coma Antônio Conselheiro, ele começa, ele narra, ele mostra que aquela luta por um pedaço de chão, em que miseráveis, desprovidos de tudo, resistiram a 4 expedições militares, foi um batalha épica. E essa grandiosidade, esse titanismo está ali presente literariamente. E por isso é um livro tão importante para o Brasil, porque você lê e você reconhece o Brasil ali.

**EUCLIDES DA CUNHA – Posse em 1906**

**01:11:40:28**

**LOURIVAL HOLANDA – Membro da Academia Pernambucana de Letras**

O fundamental em Euclides, e aquilo que não passa em Euclides, é o monumento de linguagem. Ele recria uma linguagem brasileira. Ele consegue recriar uma linguagem barroquizante pra dizer em imagens aquilo que não poderia caber em conceito. A gente tem a impressão que a crítica da linguagem em Euclides é ele se dá conta de que a complexidade do mundo é um perceptum do qual um conceito, um concepto não dá conta. Tudo nele é a possibilidade do parecer sobre a realidade. O que nós vemos do real é muito pouco. Mas aquilo que é magnífico é como nosso imaginário vai transfigurar o real. Então, é um livro de movimento, é um livro cinematográfico por natureza. Agora é preciso ler as entre linhas, em que até um mínimo de poeira numa pedra faz florescer uma planta, e Euclides fica mostrando o movimento desse nascimento, esse desespero da vida pela vida. É um livro absolutamente cinematográfico.

**01:12:51:10**

**OFF**

“Sabia-se de uma coisa única: os jagunços não poderiam resistir por muitas horas. Alguns soldados se haviam abeirado do último reduto e colhido de um lance a situação dos adversários. Era incrível: numa cava quadrangular, de pouco mais de metro de fundo, ao lado da igreja nova, uns vinte lutadores, esfomeados e rotos, medonhos de ver-se, predispunham-se a um suicídio formidável. Chamou-se aquilo o ‘hospital de sangue’ dos jagunços. Era um túmulo.”

*Os Sertões* - Euclides da Cunha

**01:13:34:28**

VINHETA – Estamos apresentando

 Imortais da Academia

**01:13:53:12**

VINHETA – Voltamos apresentar

 Imortais da Academia

**OFF**

**01:14:01:00**

Vem desde a origem a aptidão da cadeira sete

Para dar lugar àqueles que dão voz aos oprimidos.

Ela tem como patrono Castro Alves, o poeta dos escravos.

**01:14:16:16**

**NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Atual ocupante da cadeira 07**

Meu discurso de posse começa com essa confissão. Eu disse ‘Eu não acredito que essa cadeira, que é a cadeira número 7, do Castro Alves.’ Porque no Colégio do Estado, em São Paulo, nós tínhamos uma Academia de Nativistas de Letras, e eu ocupava a cadeira do Castro Alves. Então eu estou repetindo o que me aconteceu no colégio. Meu começo, meu discurso de posse aqui essa lembrança de que eu de novo estava na cadeira do Castro Alves.

**CASTRO ALVES – Patrono da cadeira 07**

**01:14:58:06**

**ALCMENO BASTOS – Doutor em teoria literária**

As duas faces da poesia do Castro Alves, lírico amorosa e a épico social, embora naturalmente se distingam uma da outra, sobretudo pelo conteúdo, elas se encontram nos componentes essenciais da poesia do Castro Alves que são a eloquência e paixão. Porque tanto é objeto desse entusiasmo a causa abolicionista, por exemplo, quanto a mulher, os poemas lírico amorosos. É uma poesia muito mais para ser lida em voz alta, talvez até recitada e isso aconteceu, pelo menos no caso da poesia épico social, por conta até da própria figura do Castro Alves, que já era, com o perdão do anacronismo, midiática, porque ele sabia se apresentar em público, explorava bem a própria aparência física, mas não há contradição entre essas duas vertentes. Embora, evidentemente, elas tenham características muito próprias. A novidade, por exemplo, da poesia lírico amorosa de Castro Alves, é o que eu chamo da humanização da figura da mulher. Ela não é mais um ideal distante, inacessível, ou uma lembrança saudosa. Ela é a parceira do ato amoroso. Então é uma poesia acentuadamente erótica, e de um erotismo vivo, em que as partes da anatomia da mulher, os seios, colo, braços, pés, são declinados pelos nomes próprios, tanto quanto na poesia épico social, embora a causa seja de interesse coletivo, ele sempre dá voz, como em “Vozes d’África”, a uma entidade. Então é alguém falando na primeira pessoa com toda a paixão que é possível.

**01:16:56:26**

**OFF**

“Oh! Eu quero viver, beber perfumes

Na flor silvestre, que embalsama os ares;

Ver minh’alma adejar pelo infinito,

Qual branca vela n’amplidão dos mares.

No seio da mulher há tanto aroma...

Nos seus beijos de fogo há tanta vida...

Árabe errante, vou dormir à tarde

À sombra fresca da palmeira erguida.”

**Mocidade e Morte**

**Castro Alves, em Espumas Flutuantes**

**01:17:31:22**

**ALCMENO BASTOS – Doutor em teoria literária**

A poesia de Castro Alves é fortemente visual, basta pensar no poema “Navio negreiro” onde ele começa dizendo: “Estamos em pleno mar.” Me parece que efetivamente nós estamos num plano superior, e aos poucos, ele vai se aproximando até alcançar o navio, como se fora de fato uma câmera que se aproxima. Obviamente ele não tinha noção desse tipo de enquadramento, porque o cinema se quer existia. Mas o paralelo é aceitável dentro dessas limitações, porque um cinema para ser inteiramente fiel a dicção poética do Castro Alves, teria que ser hiperbólico. Um cinema de grande movimentação, de cores intensas, de sons fortes, para corresponder a essa forte oralidade da poesia dele.

**01:18:31:00**

**OFF**

Além de poemas cinematográficos,

A bagagem da cadeira sete inclui romances adaptados às telas.

Dinah Silveira de Queiroz, autora de “A muralha”,

Fez afetos e desafetos com sua luta por mulheres na Academia.

Depois da senda aberta pela amiga Rachel de Queiroz,

Foi a segunda escritora a ser eleita.

**01:19:00:05**

**MICHELE FANINI - Socióloga**

Na década de 70 a Dinah tenta candidatura em 70, em 71. Em 79 ela oficializa candidatura, quando Rachel já tinha ingressado. E ela tem uma passagem muito rápida pela Academia, porque ela é eleita em 80, em 82 ela falece. Então é uma passagem muito meteórica, mas de uma importância histórica que, o envolvimento dela com a causa, ela tomou como uma causa, o ingresso feminino, e pouco pode desfrutar das benesses da, entre aspas, da imortalidade.

**DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ – Posse em 1981**

**01:19:49:10**

**ACMENO BASTOS – Doutor em teoria literária**

A obra ficcional da Dinah, porque ela também foi biógrafa, ela foi jornalista, mas a obra ficcional que é o que mais importa, é muito diversificada. Ela tem romances históricos, ela tem uma ficção quase que científica. Ela não gostava do rótulo, em alguns dos seus contos, muito mais preocupada com questões humanísticas. Mas talvez o traço mais relevante, seja a ficção de cunho psicológico urbano. Começa com “Floradas na serra”, e continua com “Verão dos infiéis”. Essa captação da vida urbana. E ela sempre se mostrou uma escritora muito sensível a essas inquietações, especialmente nos casos das figuras femininas.

**01:20:43:00**

**OFF**

“Talvez vosmecê goste, porque é diferente, mas as outras mulheres da Lagoa Serena não gostam. Elas, quando os homens estão fora, se esquecem no trabalho. E eu a mais preguiçosa de todas, faço uma coisa que muitos aqui censuram numa dona: escrevo! Por parte de meu avô, tenho a rima no sangue.”

*A Muralha* - Dinah Silveira de Queiroz

**01:21:14:10**

**OFF**

Vinte e quatro anos após a partida de Dinah,

É chegada a vez de a Academia receber seu primeiro cineasta.

**01:21:29:00**

**NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Atual ocupante da cadeira 07**

Um acadêmico me lançou candidato. O Portella, ele uma vez me, tive vários contatos com o Portella, antes, em vários momentos, e ele uma vez falou: ‘Nelson, vem cá. Vou falar uma coisa com você. Você quer ser candidato a Academia de Letras?’ Aí, eu fiz a mesma piada: ‘Mas eu não escrevi nenhum livro.’ Ele disse: ‘Nelson, faz de conta que eu não ouvi o que você disse, tá? Não ouvi nada. Então, eu vou fazer uma pergunta para você. Nelson, você quer ser candidato a Academia de Letras?’ ‘Claro que eu quero.’

**NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Posse em 2006**

**01:22:28:23**

**OTHON BASTOS - Ator**

Nelson é um ser humano muito grande, eu acho. É engraçado, para fazer “Brasília 18%” é uma coisa engraçada. Eu estava em casa, e sempre o telefone que toca, e era ele, Nelson. ‘Othon, eu quero te convidar, se você quer fazer um filme sobre Brasília. Chama-se Brasília 18%, porque talvez seja até o último filme que eu faça. Eu gostaria que se você pode, mas eu tô chamando os amigos para ver o que, se você gostaria de participar desse filme. Talvez como despedida.’ ‘Pô, Nelson, pelo amor de Deus! Claro que eu vou fazer o filme com você.’ ‘Então, você vem aqui amanhã.’ Ele gosta desse tipo assim. ‘Vem aqui amanhã, e a gente conversa, e te dou o papel que você vai fazer e tal.’ Cheguei lá encontro o Nelson alegre, disposto, rindo com a neta, rindo com o cunhado, rindo com a nora, com o filho. Eu entro e digo: ‘Ô Nelson, você ontem no telefone parecia que estava se despedindo da vida. Você me deu um susto! O quê que foi?’ ‘Ah! Eu falei daquela maneira, porque se eu falasse de outra talvez você não viesse fazer o filme. Então eu tive que fazer aquele drama todo pra você aceitar fazer o filme.’ Esse é o Nelson. Ele é uma pessoa inteligente, uma pessoa preparada, uma pessoa culta, e uma pessoa política.

**01:24:04:28**

**HERNANI HEFFNER – Professor e pesquisador em cinema**

Se a gente pudesse definir o Nelson, ele é o homem, ele é o pai, é o avô do cinema brasileiro. Ele é a síntese maior de cinema no sentido de um encontro decisivo entre o fazer cinematográfico e a existência do país chamado Brasil. E, através do cinema ele vai tentar aí investigar esse país, e representar esse país, e tentar construir esse país, porque o cinema do Nelson, entre outros facetas é um cinema militante, e vai constituir uma obra decisiva dentro dessa história.

**01:24:55:15**

**VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 07

Patrono – Castro Alves

Fundador – Valentim Magalhães

 Euclides da Cunha

 Afrânio Peixoto

 Afonso Pena Junior

 Hermes Lima

 Pontes de Miranda

 Dinah Silveira de Queiroz

 Sergio Corrêa da Costa

Atual – Nelson Pereira dos Santos